

### **Metáfora em Lacan e Pêcheux: “Eis aí o que se chama de falar!”**

*Mariana Mahlmann\**  
*Renata Campello Teitelroït\*\**

**RESUMO:** O artigo explora a metáfora em Lacan e Pêcheux. Inspirando-se em Saussure e Freud, ambos defendem que a metáfora não é uma figura de linguagem, mas uma operação fundamental do sentido, subvertendo a noção de uma linguagem transparente. Para Lacan, a significação é um efeito retroativo que se produz a partir do deslizamento da cadeia significante, enquanto o desejo emerge indiretamente, através de formações como a metáfora. Pêcheux, tem a metáfora como um mecanismo discursivo fundamental, forma material do deslocamento do sentido, mostrando que este se constitui como efeito das relações e tensões entre diferentes formações discursivas.

**Palavras-chave:** METÁFORA. ANÁLISE DE DISCURSO. PSICANÁLISE. LACAN. PECHEUX. SAUSSURE. FREUD.

### **Metaphor in Lacan and Pêcheux: “Now that’s what you call speaking!”**

**ABSTRACT:** The article explores metaphor in Lacan and Pêcheux. Drawing on Saussure and Freud, both argue that metaphor is not a mere figure of speech, but a fundamental operation of meaning, subverting the notion of a transparent language. For Lacan, signification is a retroactive effect produced by the sliding of the signifying chain, while desire emerges indirectly through formations such as metaphor. Pêcheux considers metaphor as a fundamental discursive mechanism, a material form of the displacement of meaning, showing that it is constituted as an effect of the relations and tensions between different discursive formations.

**Keywords:** METAPHOR. DISCOURSE ANALYSIS. PSYCHOANALYSIS. LACAN. PECHEUX. SAUSSURE. FREUD.

### **Métaphore chez Lacan et Pêcheux: “Voilà ce qu’on appelle parler!”**

**RÉSUMÉ:** L'article explore la métaphore chez Lacan et Pêcheux. S'inspirant de Saussure et Freud, tous deux soutiennent que la métaphore n'est pas une simple figure de style, mais une opération fondamentale du sens, subvertissant la notion d'un langage transparent. Pour Lacan, la signification est un effet rétroactif produit par le glissement de la chaîne signifiante, tandis que le désir émerge indirectement, à travers des formations telles que la métaphore. Pêcheux considère la métaphore comme un mécanisme discursif fondamental, forme matérielle du déplacement du sens, montrant que celui-ci se constitue comme effet des relations et des tensions entre différentes formations discursives.

---

\*Doutoranda e mestra em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas pelo Instituto de Letras da UFRGS. Graduada em Letras Português/Inglês e pós-graduada em Psicanálise nível lato sensu pela UNISINOS.

ORCID-id: <https://orcid.org/0009-0001-7184-7917>

E-mail: [marianamahlmann@yahoo.com.br](mailto:marianamahlmann@yahoo.com.br)

\*\*Doutoranda em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas pelo Instituto de Letras da UFRGS. Mestra em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela UVA, pós-graduada em Escrita e Produção para a Televisão pela Humber College de Toronto.

ORCID-id: <https://orcid.org/0009-0002-2993-335X>

E-mail: [rct92@hotmail.com](mailto:rct92@hotmail.com)

**Mots-clés:** METAPHORE. ANALYSE DU DISCOURS. PSYCHANALYSE. LACAN. PECHEUX. SAUSSURE. FREUD.

### Introdução

“Eis aí o que se chama de falar!” foi como o psicanalista francês Jacques Lacan, em “O Seminário, Livro 12: Problemas Cruciais para a Psicanálise” (1999[1964-1965]), se referiu à famosa frase “ideias verdes incolores dormem furiosamente” do linguista Noam Chomsky (1980[1957])<sup>1</sup>. O linguista norte-americano empregou-a como exemplo na tentativa de demonstrar que uma sentença, embora gramaticalmente correta em sua estrutura, i.e., no nível sintático, pode não apresentar sentido no nível semântico.

Na “Lição I” do referido seminário, Lacan elenca uma série de demonstrações das várias possibilidades de sentido para a frase de Chomsky. Uma delas, adaptando-a para o português, seria considerar que a expressão “ideias verdes” pode muito bem remeter-nos ao sentido de que tais ideias não são “maduras”, que carecem de mais reflexão:

É da própria gramática que partirei. Observarei, se essa frase é gramatical ou não, que é, por exemplo, em razão do fato de que o que surge nessa frase aparentemente como adjetivo, a saber, *colorless green*, se encontra antes do substantivo, e que aqui nos encontramos, tanto em inglês como em francês, colocados diante de certo número de efeitos, que restam a qualificar. Provisoriamente, continuo a chamá-los de *efeitos de sentido* (Lacan, 1999[1964-1965], p. 14).

Segundo o psicanalista, infinitas associações e interpretações poderiam ser realizadas, “e por uma simples razão, é que uma cadeia significante engendra sempre – qualquer que ela seja, contanto que seja gramatical – uma significação, e direi mais, qualquer uma” (Lacan, 1999[1964-1965], p. 15). Lacan sustenta que a significação não é transparente, mas um efeito do deslizamento da cadeia significante sob a barra do recalque. A significação “verdadeira” – o inconsciente – só emerge de forma indireta, através de formações como o chiste, o ato falho e o sonho. A fumaça, portanto, nem sempre indica fogo.

A propósito, Françoise Gadet e Michel Pêcheux (2004[1983]) também provocam o gerativista no texto “Qual é a cor das ideias verdes?”, capítulo 7 da segunda parte do livro “A Língua Inatingível”, apontando que “uma abordagem da língua pela psicanálise (por exemplo, no sonho, no lapso ou na psicose) obrigaria certamente a uma modificação desse ponto de vista”. Questionam-se: “Será que a ‘perturbação’ que a língua pode sofrer passa apenas por processos passíveis de serem expressos em termos gramaticais?”, ao passo que tecem uma observação com relação à suposta distinção entre a metáfora e a poesia para fechar o capítulo: “a metáfora não é localizável, assim como a poesia: como no caso da poesia, pode-se defender a ideia de que ela não existe, se está em toda parte na origem da produção do sentido” (p. 161, nota 12).

Para Chomsky (1965), a linguagem literária/poética é uma exceção de escopo: fenômeno periférico ao seu objeto de estudo principal (a competência<sup>2</sup>). A poesia é tomada como um uso especial, criativo e muitas vezes irregular do sistema linguístico subjacente, operando à margem das regras gerais que a Gramática Gerativa busca descrever. Ainda contestando o gerativismo de Chomsky, Gadet e Pêcheux (2015[1983], p. 154) relacionam língua e absurdo:

A homogeneidade material, através da continuidade do gramatical e do agramatical, apresenta a relação entre a língua e o absurdo. Entendemos, com isso, que há um saber prático guiando os procedimentos de construção dos objetos da reflexão gramatical (antes de qualquer reflexão sobre a sua gramaticalidade), e não uma máquina, produzindo todas as possibilidades formais:

esse saber prático supõe essa percepção do absurdo, pela qual todo sujeito falante se coloca em posição de construir o que, eventualmente, se revela da ordem do impossível.

A língua funciona como um território contínuo, onde o que é gramatical e o que é agramatical (ou absurdo) se misturam. E, se existe uma relação profunda entre a linguagem e o absurdo, compreende-se que a língua não é uma máquina automática que gera todas as frases possíveis, mas sim um *savoir de l'usage* que orienta a construção de enunciados. Tal saber opera antes mesmo de pensarmos conscientemente nas regras gramaticais, bem como depende da nossa capacidade de perceber o que é absurdo: é por meio dessa percepção, que qualquer falante consegue, justamente, construir o que eventualmente se revela como linguisticamente impossível.



Alex Alemany: Metáfora (2016)

Para Gadet e Pêcheux, não há fronteira estável entre o gramatical e o agramatical, uma vez que o sentido emerge de outras instâncias, às quais aludimos a seguir. Os autores acrescentam que a metáfora “[...] faz com que as evidências se movam do ‘mundo normal’: um efeito revolucionário. Neste sentido, a metáfora também merece que se lute por ela” (Ib., (2015[1983], p. 160). Lutemos, pois, pela metáfora.

### Lacan: um retorno a Saussure

A voz, como manifestação do real, constitui-se como aquilo que resta da fala, marcando o sujeito a partir de um encontro com o indizível que Lacan, com a representação do R.S.I (real, simbólico e imaginário) no nó borromeano, coloca no centro: o objeto pequeno *a*, inacessível e efêmero, que o sujeito apenas contorna, nunca toca. Não admira que o poético se aproxime de *lalíngua*, uma vez que não obedece a uma linearidade lógica ou racional, devolvendo-nos a uma espécie de caos primordial. Subverte-se a lógica, e cria-se novas possibilidades de ser, mais possibilidades de ser: “as pedras são plumas” (Paz, 1972[1971], p. 38) no poema e no sonho.

Claudine Normand, em seu texto “Metáfora e Conceito” [1976], publicado no Brasil no volume “Convite à Linguística” (2009), faz uma aproximação entre Saussure e Freud, convidando-nos, em primeiro lugar, a questionar a concepção clássica de metáfora. Argumenta

que Saussure e Freud o fizeram, ainda que incidentalmente, em diversos momentos: o linguista, especialmente, em suas notas sobre os anagramas e sobre o eixo associativo; e o psicanalista, inúmeras vezes ao longo de sua obra, às voltas com a não garantia da palavra e sua suposta literalidade. Ambos, segundo Normand, tratam também da analogia como processo criativo do inconsciente e da língua.

Lacan, para realizar seu famoso retorno a Freud na década de 1950 – contribuindo com uma das mais importantes exegeses da obra freudiana –, precisou primeiro retornar a Saussure. Althusser, em “Lacan e Freud” (1985[1964]), afirma justamente que “Lacan não negaria o fato de que, sem o surgimento de uma nova ciência, a linguística, sua tentativa de teorização teria sido impossível” (p. 1). É, portanto, nos fundamentos da linguística que reside a chave para enxergar a radicalidade da descoberta freudiana. Seguindo essa mesma trilha, Gadet e Pêcheux (2015[1983]) beberam também da fonte da linguística saussuriana, que irrompeu no início do século XX. Como sabemos, Lacan acreditava, à época, que o legado de Freud era pouco ou mal aproveitado pelos pós-freudianos. Saussure e Freud, embora fossem contemporâneos, não tiveram, até onde se sabe, contato com a obra um do outro, de modo que não se influenciaram. A intervenção de Lacan foi decisiva para tornar possível o diálogo entre suas aparelhagens teóricas.

Saussure (1973[1916]) reconhece a pluralidade das línguas e rompe com a tradição da filologia que buscava reconstruir a suposta língua-mãe universal. Em contrapartida, toma a língua [*langue*] como um objeto, examinando-a como um sistema de relações, assim como questiona a concepção referencialista que faz supor que o vínculo que liga o nome à coisa é uma simples operação de *mimesis* da natureza.

Em Saussure, ao menos na leitura da linguista Claudine Normand que discutiremos mais adiante, o significante já se encontra apartado daquilo que representaria, i.e., de um referente. Há de se reconhecer que a teoria do valor de Saussure – determinado pelo próprio sistema e definido negativamente – impulsiona o percurso lacaniano. Muito embora Lacan importe e adapte conceitos saussurianos ao campo da psicanálise, o pensador é influenciado de tal maneira pela concepção de significante, que esta permeia a maior parte de sua produção teórica.

A partir da linguagem e sua confluência com a pulsão, Lacan tenciona dar conta da dimensão econômica do funcionamento mental. Para ele, é precisamente na intersecção entre a linguagem e a pulsão que se pode compreender a dimensão econômica do funcionamento mental – ou seja, as leis que regem a produção, a circulação e o investimento da energia psíquica (a libido). Se a pulsão representa a pressão constante e orgânica do corpo, é somente através da mediação da linguagem que essa força adquire uma forma psíquica e pode ser inscrita no inconsciente.

A linguagem, estruturada como uma cadeia de significantes, não apenas representa a pulsão, mas a captura e a faz circular em um circuito simbólico. Dessa forma, a economia psíquica não é mais pensada como um mero balanço de energias biológicas, mas como uma economia de significantes, onde o gozo (a satisfação pulsional, muitas vezes paradoxal) é obtido através de operações languageiras como a metáfora, a metonímia e o recalque. Nesse sentido, o inconsciente, estruturado como uma linguagem, é o próprio teatro onde a economia pulsional se desenrola.

Saussure e Jakobson emprestaram a Lacan valiosas ferramentas de análise que serviram para restaurar o caráter languageiro da psicanálise, além de fundar um modelo de pensamento que a “eleva” a um sistema lógico e formal, [re]estruturando, assim, a técnica psicanalítica. A partir da distinção clínica das afasias da fala, Roman Jakobson, no artigo “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias” (1969[1956]), postula a metáfora e a metonímia como

elementos linguísticos fundamentais: confere a estas afasias ou figuras de linguagem novo *status*: o de leis gerais da linguagem, i.e., princípios gerais e mecanismos da língua.

A partir de uma aproximação com a poética e com a fala das crianças, Jakobson dá ensejo à ideia de que falamos e pensamos metonímica e metaforicamente, de maneira “disfuncional”. As afasias aproximam-nos do real e da particularidade. Jakobson também associou a metáfora (similaridade/ condensação/ substituição) e a metonímia (contiguidade/ deslocamento/ deslizamento) aos eixos paradigmático e sintagmático saussurianos. A cronologia, portanto, está para a cadeia linear e metonímica do significante; a significação, sempre *a posteriori*, está para a metáfora e para o ponto de basta ou de estofo no eixo do paradigma, segundo Lacan.

Logo de início, em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1998[1957]), um Lacan embebido da teoria saussuriana menciona a segregação urinária para elucidar sua teoria do significante. A partir de uma simples porta, faz-se várias leituras, hoje já ultrapassadas em nossa sociedade (esperançosamente!): a porta, para a mulher, significaria seu espaço circunscrito à casa, enquanto, para o homem, significaria ter de sair de casa para trabalhar, e do outro lado dessa porta, garantir o sustento da família.

A mesma porta possuiria, assim, significados variáveis, deslizantes. São os significantes “homens” e “mulheres” nas placas das portas de banheiros que determinam o significado destas, e eis o que Lacan chama de golpe ao debate nominalista. O significante antecipa o sentido – embora, que fique claro, nunca o garante de forma simétrica, apenas em termos de *efeito de sentido*<sup>3</sup>. Mesmo quando há pausas na fala, poderá haver sentido, até “um sentido ainda mais opressivo” (p. 507): o escapar de um simples “mas” já diz muito: pode tudo mudar.

A título de ilustração, no mesmo texto, Lacan discute um poema de Victor Hugo que já mencionara no Seminário, O Livro 3 (1985[1955-1956]), tomando um verso que diz que o “feixe” do velho Booz, personagem do poema, “não era avaro nem odiento”. Isto significa que Booz pode ainda ser pai, que ele é fértil: a metáfora, assim, permite a fuga de um enrijecimento da linguagem – *no pun intended*. Aqui, o feixe ejaculatório (não necessariamente o fônico) funciona, mas o que interessa é que ele substitui o sujeito: a metáfora é o mecanismo da língua que permite, em última análise, a substituição de tudo para o ser falante.

Dizer que Aquiles é um leão é o mesmo que dizer “Aquiles é forte na medida em que nada garante que Aquiles os seja” (seja um leão ou seja forte) senão minha palavra, assim como nada garante que Aquiles exista para além de minha *phantasia*<sup>4</sup>. Aquiles, meu leão de pelúcia, ou Aquiles, o melhor e mais belo guerreiro da Ilíada: é necessário um arranjo ordenado ou vínculo posicional para que a metáfora ocorra e assim se precipitem novas significações: para Lacan, em consonância com Saussure, não há língua sem sistema e sem significante. Desse modo, nota-se que a metáfora (associação) se subordina à metonímia (sintagma) e ao significante, e tudo opera concorrentemente.

Lacan mostra que o sujeito toma sempre um lugar metaforicamente, substitutivamente. O escritor está para sua caneta, Aristóteles para sua alma e, quiçá, Freud para seu objeto. Trata-se do “eu” imaginário, ludibriado pelo espelho e ébrio de si, podendo também deslocar-se como resistência essencial do discurso como tal. O sujeito “escritor” só existe através do objeto que o encarna e realiza sua função. A caneta torna-se a metáfora de sua capacidade criativa e de sua identidade social. O sujeito, marcado por uma falta primordial, nunca ocupa um lugar essencial ou pleno; em vez disso, identifica-se com significantes e imagens que o representam de forma sempre parcial e inadequada. É nesse movimento de assunção de um lugar no mundo simbólico e imaginário que a subjetividade se constrói.

Mas o “eu” do imaginário não é o “eu” do inconsciente, muito pelo contrário: são antagonísticos. Não são, no entanto, inconciliáveis. “Lá onde isso foi, (d)ali devo advir” (Lacan,

1985[1955-1956], p. 528). A psicanálise freudolacanianana, afinal, concebe o sujeito do inconsciente como um sujeito que não “nasce” ou se “desenvolve”, mas se *constitui*, sendo marcado de forma singular pela língua materna que o precede. Por isso, precisamente, o sujeito é efeito de linguagem, não uma entidade biológica que simplesmente “nasce e se desenvolve” de forma linear e previsível, tal como um programa genético que se desdobra. Do contrário, ele se constitui através de um processo de divisão e alienação fundamental no campo da linguagem. “Nascer” é um evento do organismo, enquanto que “constituir-se” como sujeito é um ato psíquico que ocorre quando se é capturado pela teia simbólica da língua materna precedente. É essa inscrição na linguagem – impondo significantes, leis e significantes familiares – que marca o sujeito de forma singular e irrepetível, criando o inconsciente como um saber estruturado em uma rede. Por conseguinte, o sujeito não é uma substância que amadurece, mas um efeito de linguagem, um resultado que emerge do encontro traumático e estruturante entre o organismo pulsional e a ordem do Outro simbólico.

Segundo a concepção lacanianana de discurso, o inconsciente é o discurso do Outro (A) apontando ao para-além em que se ata o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento. Entre Sujeito 1 e Sujeito 2, está a instância do Outro que é a linguagem: “Esse outro é o Outro invocado até mesmo por minha mentira como aval da verdade em que ela subsiste. Nisso se observa que é com “*o aparecimento da linguagem que emerge a dimensão da verdade*”. (Lacan, 1985[1955-1956], p. 529, grifos nossos). A metáfora liga-se à questão do ser e do sintoma, e a metonímia à sua falta. Só falamos metafórica e metonimicamente, e o simbólico nunca apreende o todo.

No momento em que a criança se apropria da língua materna, há uma perda: a autonomia linguística eventualmente separaria a criança da instância materna, tornando-a um ser mais independente e dela desanexado; enquanto, ao mesmo tempo, a criança dependerá justamente da língua para manter laços, inclusive com o próprio cuidador primário. É mais adiante, em 1972, que a noção de *lalíngua* é apresentada em “O Aturdito” e melhor desenvolvida no seminário “O Seminário, livro 20: Mais, ainda” (1985[1972-1973]). O uso do termo *lalangue* tem por objetivo se aproximar da lalação do bebê, que não comunica, apenas lhe serve como objeto de gozo. O avanço que Lacan apresenta nesse momento gira em torno do significante e também dos afetos que estão para além daquilo que o ser falante suportaria enunciar. A característica de inacessibilidade do real é evocada, real insuportável ao sujeito, que só pode encará-lo a partir dos mecanismos do simbólico e do imaginário.

Se a teoria de *lalíngua* revela o cerne de gozo e seus efeitos de afeto nos quais o sujeito se constitui, é nas formações do inconsciente que essa dimensão obscura e real da linguagem encontra sua via de expressão indireta. O salto conceitual de Lacan, ao destacar o inassimilável do significante enquanto ferramenta de gozo, fornece justamente a chave para ler os fenômenos descritos por Freud não como meros erros, mas como sintomas de uma “verdade” recalçada. Dessa forma, o caráter remanescente e teimoso de *lalíngua*<sup>5</sup> não permanece um resíduo mudo; ele insiste e retorna, de modo cifrado, através das brechas do discurso consciente.

As definições de chiste abordadas por Freud apontam para uma informação oculta, ou mesmo um discurso oculto; o chiste revela a duplicidade da linguagem por excelência. O sonho é um rébus: jogo representativo, metafórico e significante. O ato falho atua no sintagma e no eixo paradigmático. A língua é uma mascarada polissêmica – essa é sua lei e não sua falha, aponta Normand. A neurose (conversão histérica, por exemplo) é fenômeno substitutivo – tal como a metáfora, diga-se de passagem – da pulsão reprimida. Freud encontra, em última análise, o funcionamento da psique humana latente na linguagem.

A metáfora é phantásstica e substitutiva. Normand atenta para a aparente contradição da cabeça de Medusa de que parte Freud (1996[1922]) para falar em negação: metáfora da castração, mas cujas serpentes se multiplicam. É *como se* os órgãos feminino e masculino

assustassem em um só tempo, afastassem o inimigo: em Rabelais, o demônio foge perante a visão da vulva revelada por uma mulher e, similarmente, exhibir o pênis ereto demonstra coragem ameaçadora em diversas culturas. A cabeça que Atena carrega serve para assustar, evocar a genitália materna e assim *evitar* o ato sexual. A genitália produz o efeito contrário de uma esperada atração: provoca medo e repulsa. E, novamente, conclui-se que a literalidade nada garante.

Este caráter simultaneamente fascinante e repelente da imagem medusaica revela o mecanismo fundamental do fetiche. A metáfora, aqui, não opera para simplesmente ocultar uma falta, mas para apresentá-la de forma multiplicada e monstruosa, convertendo-a em um escudo. As serpentes que se substituem aos cabelos são a própria figuração do deslocamento metonímico em estado puro, uma proliferação de significantes que tampona, sem sucesso, o buraco real que pretendem significar. A cabeça de Medusa é, portanto, o significante-fetiche eminentemente: o emblema de uma negação que, para existir, precisa primeiro evocar de modo hiperbólico aquilo que nega. A visão que petrifica é a materialização do horror ao real do sexo, um real que não pode ser simbolizado de forma direta, apenas através de uma imagem que paralisa o olhar.

A bem dizer, o exemplo da Medusa permite uma leitura mais aguda do próprio processo de significação. Se a literalidade nada garante, é porque o sentido sempre emerge de um desvio, de uma substituição que carrega consigo o traço do recalcado. A atração esperada é suplantada pela repulsa não como seu oposto, mas como sua face concomitante e sinistra. O que a fantasia medusaica demonstra é que o falo, como significante do desejo, não é um objeto, mas justamente esta operação de velamento e revelação que, ao tentar domesticar o real da sexualidade, acaba por produzir monstros. A linguagem, assim como o olhar para a Medusa, nunca é inocente: ela é o lugar onde o desejo e o horror se entrelaçam, petrificando sentidos únicos e multiplicando interpretações possíveis.

Se a linguagem é, de fato, esse terreno não inocente onde o desejo e o horror se entrelaçam, então o projeto de uma verdade transparente e una torna-se impossível. A própria estrutura da significação, demonstrada pela fantasia medusaica, já é uma refutação da possibilidade de um acesso puro e não mediado ao real. Dito de outro modo, a censura psíquica que distorce a representação não é um acidente no caminho da verdade, mas a condição mesma de nossa fala e de nosso desejar.

A verdade platônica cai por terra: todos estamos a muitos passos dela, e nada pode ser representado tal como é. A censura de Homero, por sua vez, nunca sequer se concretizou para poder cair, e a censura psíquica trata de ser burlada por aquilo que nos faz falar e desejar. Pelos motivos que aqui apresentamos, muito acertadamente, Lacan conclui que “não há sentido senão metafórico” em “O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente” (1999[1957-1958], p. 16).

### **Saussure, Freud e Pêcheux: As várias formas de dizer o “isso”**

Não há dúvidas de que questões, reflexões e inquietações sobre a língua permeiam toda a obra freudiana, do início ao fim. Tais reflexões protagonizam algumas de suas produções teóricas; outras são auxiliares, coadjuvantes, mas não deixam de se fazer presentes e exercer influência sobre a teoria psicanalítica. Podemos compreender essa centralidade a partir do que a teoria lacaniana articula sobre o funcionamento da linguagem: se o registro do simbólicos opera como uma estrutura pura e vazia de diferenças – à maneira do valor em Saussure, onde um termo só significa em sua relação com os outros –, é no batimento entre esse simbólico e o registro do imaginário que o efeito de sentido se produz, como um “ponto de basta” momentâneo que fixa e preenche uma rede significante. É nessa operação de produção

imaginária de sentido que teorizações posteriores, como as de Pêcheux, encontrarão a chave para compreender o mecanismo da ideologia.

À medida que avançamos na obra de Freud, convencemo-nos cada vez mais de que “as palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisas.” (1996[1905], p. 23). Em “*Sintaxe e discurso*”, Barbosa Filho (2022) retoma Pêcheux ao ressaltar que “uma palavra não tem (um) sentido (que lhe seja próprio). Ela é passível de produzir efeitos de sentido quando inscrita em uma posição ideológica dada”:

[...] voltando à questão da palavra, cabe dizer que ela não é concebida como um item lexical dotado de sentido. A palavra é, antes de tudo, um *traço* – e nisso ela se assemelha ao que Ferdinand de Saussure chamou de significante – cujo valor é expressamente diferencial, *não possuindo, portanto, valor em si* (Barbosa Filho, 2022, p. 75, grifos do autor).

Conforme Saussure, o valor emerge do sistema da língua e gera uma positividade. Os elementos do signo (significante e significado) formam, no entanto, sistemas diferenciais, definidos negativamente, uma vez que o valor é relacional, distintivo e opositivo. Consideramos a leitura de Normand em “*Saussure*” (2009[2000]): para ela, Saussure acaba por considerar o signo como valor – ou significante. O valor é dado dentro do sistema: o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros; cada elemento é aquilo que os outros não são.

Dessa concepção puramente relacional e negativa da linguagem, decorre uma consequência radical: se o sentido não é uma propriedade inerente das palavras, mas um efeito de suas posições no sistema, então a própria noção de um sujeito como fonte originária e soberana do sentido desmorona. O sujeito, assim como a palavra, é também um “efeito”: ele não fala a língua, mas é falado por ela, na medida em que ocupa posições pré-determinadas na malha simbólica. É nesse cruzamento entre a estrutura vazia do significante e as identificações imaginárias que o sentido – sempre provisório e ideologicamente marcado – se constitui. A plasticidade das palavras, observada por Freud, revela-se, portanto, como a contrapartida da submissão do sujeito à ordem do significante, onde sua unidade aparente é um efeito transitório produzido no jogo diferencial da linguagem. No já mencionado texto “*Metáfora e Conceito*”, Normand aponta para uma crítica do sentido feita por Saussure no CLG, “*Curso de Linguística Geral*” (1973[1916]):

Com efeito, se ele não fala precisamente de metáfora, ele teoriza, por outro lado, sobre a atividade de associação (comparação), fazendo desta um componente fundamental do ato linguístico, ato de “construção” sempre ligado a uma “comparação” implícita, ato de síntese (“sintaxe”) que implica uma “análise”, produção de “discurso”, referindo-se sempre a uma “intuição” (Normand, 2009[2000], p. 47)

Se o sujeito é um efeito da teia significante, é crucial entender o mecanismo pelo qual essa teia opera para produzir a ilusão de um sentido e de um “eu” unificado. Tal mecanismo não é estático, mas dinâmico e ativo, residindo precisamente no ato de fala. É nesse ponto que a leitura de Normand sobre Saussure se torna fundamental, pois ela desloca o foco da língua como sistema puro (*langue*) para a fala (*parole*) como um ato de construção contínua, sustentado por uma rede de comparações e associações que é o próprio motor da significação.

Em “*La Sémantique et la Coupure Saussurienne: Langue, Langage, Discours*” (1971), o que Haroche, Henry e Pêcheux compreendem por sentido está diretamente ligado à noção saussuriana de valor – ao menos no que se refere à materialidade da língua. Suas reflexões sobre a relação entre ideia e analogia conduzem à oposição valor/significação, uma distinção essencial: enquanto “a significação é de ordem da fala e do sujeito, só o valor diz respeito à

língua” (p. 14). A significação, nesse contexto, corresponde ao sentido articulado às formações discursivas, isto é, àquilo que emerge de condições históricas e sociais, onde as ideologias e as relações de poder entram em cena. Trata-se de pensar o sentido como efeito produzido no entrecruzamento entre a materialidade linguística e as condições históricas que a atravessam.

Gadet e Pêcheux (2004[1981]) concluem o capítulo “Deux Saussures?” de “A Língua Inatingível”, afirmando que a tese do valor permanece frágil, constantemente ameaçada pelo lexicalismo, pela “positividade do signo e do fechamento em um sistema finito de elementos”. Já em 1971, no entanto, Haroche, Henry e Pêcheux oferecem um encaminhamento para o problema da significação, e é justamente o que fundamenta o método pecheutiano. Ele considera, simultaneamente, a eficácia do sistema da língua e a eficácia da criatividade, dimensões que não se excluem, mas se sustentam mutuamente: “A noção de sistema – [...] aparece como o complemento indispensável da *criatividade* no interior do campo da ‘linguagem’” (Ib., p. 27, grifos nossos). Em outras palavras, se a criatividade se opõe ao sistema, é porque ela supõe a existência de um sistema que lhe permita emergir; do mesmo modo, o sistema é efeito de uma criatividade anterior.

Assim como há traços distintivos no sistema fonológico cujas possibilidades combinatórias jamais se esgotam, “o conjunto das unidades significativas, enquanto agrupamentos de elementos de significação, não esgota a combinatória desses elementos” (Ib.). Pêcheux não ignora a parcela de “ruído semântico” presente nas unidades significativas (signos), mas desloca o foco da análise para o encadeamento entre essas unidades, pois é justamente nesse nível que se torna possível a pluralidade dos “planos de leitura”. Essa perspectiva evidencia o descompasso entre o “universo imanente da significação” e o “universo manifestado” – isto é, o modo como o sentido se agrupa e se realiza. Com isso, conclui que “[...] não é a significação propriamente dita que está em causa [...] mas aquilo que Saussure designava por valor” (Ib.). A ênfase no valor, portanto, desloca o interesse do conteúdo estável do signo para o jogo relacional que o constitui, abrindo espaço para a historicidade e a heterogeneidade do discurso.

Mais tarde, Gadet e Pêcheux (2004[1981]) retomam a questão da falha, evidenciada pelo lapso, pelo *Witz* e pelas séries associativas, para sustentar a tese do valor. A falha é, aqui, não um desvio, mas a própria condição de funcionamento da língua – é o ponto em que o sentido escapa, desliza e se reconfigura. Para eles, é a *lalíngua* que fundamenta o espaço do repetível, próprio à língua: “A consequência é que a língua domina o pensamento, impondo-lhe a ordem do *negativo*, do *absurdo* e da *metáfora*. É aí que a ciência da linguagem relaciona-se com o registro do inconsciente” (Gadet e Pêcheux, 2004[1981], p. 59). Nesse ponto, o diálogo entre linguística e psicanálise se adensa, pois o inconsciente, assim como a língua, opera por deslocamentos e condensações, submetendo o pensamento à “lógica do significante”. Gadet e Pêcheux anunciam, afinal, que não há uma linguagem poética, uma vez que *tudo se trata de língua*.

Pêcheux (2015[1983]) complementa que a metáfora é o que possibilita o dizer, ou mesmo o discurso, sendo a consciência resultado de uma interpelação ideológica, uma espécie de assujeitamento, efeito do interdiscurso:

Isto suporia que não há, de início, uma estrutura sêmica do objeto, e em seguida aplicações variadas dessa estrutura nesta ou naquela situação, mas que a referência discursiva do objeto já é construída em formações discursivas (técnicas, morais, políticas...) que combinam seus efeitos em efeitos de interdiscurso. [...] Nessa perspectiva, o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade, torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é *porque* os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva

que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (Pêcheux, 2015[1983], p. 158, grifos do autor).

Ao afirmar que o interdiscurso é o princípio de funcionamento da discursividade, e não seu efeito integrador, Pêcheux desloca radicalmente a compreensão do sentido: ele não emana de um sujeito consciente, mas é resultado de um movimento de importação e metaforização de sequências textuais entre formações discursivas distintas. Em outras palavras, a consciência e a evidência do sentido são o produto de um incessante tráfego discursivo que precede e constitui o sujeito. É nesse ponto que a noção de interdiscurso encontra ressonância na teoria psicanalítica: se o sentido é sempre “importado”, se o “dizer” é sempre um “ser-dito” por uma rede que nos transcende, então a própria subjetividade se revela como um efeito de um discurso prévio — um “Outro” discursivo que funciona de modo análogo<sup>6</sup> ao inconsciente, determinando as possibilidades e os limites do que pode ser dito e, portanto, do que pode ser pensado.

Nesse ponto que toca o interdiscurso, efeito das associações (popularmente conhecidas como “aquela coisa que puxa outra”), Gadet e Pêcheux (2004[1981]) elaboram mais uma crítica à linguística chomskiana, referindo-se a esta como “a cegueira da linguística sobre a discursividade”:

O que estaria em causa seria a cegueira da linguística sobre a discursividade, que não se resume ao efeito de intradiscurso (que a G.G.T. pode efetivamente apreender nos limites da frase, construindo “gramáticas do discurso”), mas remete à existência de um interdiscurso como efeito constitutivo de sequências exteriores, independentes e anteriores, sobre a sequência “dada”. O “exterior radical” não seria mais, desde então, o sistema (extralinguístico) dos conhecimentos e das crenças, remetendo às ideias e aos objetos pensados por um sujeito; ele residiria na ordem específica do interdiscurso como efeitos discursivos inscritos nos campos de arquivos (reais ou virtuais), no sentido de Foucault. Essa conversão teórica, levando em conta a existência histórica das “materialidades discursivas”, desloca ao mesmo tempo a questão do sujeito e a dos dados, já que, além da análise sintática da sequência, ela tende a substituir a interpretação semântica (sobrecarregada de pressupostos lógico-jurídicos, em que a semântica repete as categorias do direito, macaqueando-as), por uma prática de interrogação dos textos referidos à sua posição em um campo histórico (Gadet e Pêcheux, 2004[1981], p. 158).

A noção de um “exterior radical” que reside na ordem do interdiscurso representa uma virada copernicana na teoria da linguagem. Ao localizar a exterioridade constitutiva não em um sistema de ideias ou em um sujeito pensante, mas no campo material dos arquivos discursivos, Gadet e Pêcheux radicalizam a descontinuidade inaugurada por Foucault. O interdiscurso, nessa chave, não é um pano de fundo contextual, mas uma teia de *sequências exteriores* que determinam positivamente o que pode ser dito. A “coisa que puxa outra” deixa de ser uma associação livre da mente individual para revelar-se como um *efeito de arquivo* — um traçado obrigatório, histórico e material, que condiciona as próprias possibilidades de enunciação. A discursividade, portanto, é sempre um eco e uma reelaboração de textos anteriores, uma citação inconsciente de um arquivo que fala através do sujeito.

Esse deslocamento tem um duplo efeito devastador. Primeiro, para a *noção de sujeito*: se o interdiscurso é anterior e constitutivo, o sujeito da enunciação deixa de ser uma origem para tornar-se um *lugar*, um ponto de intersecção em que as vozes do arquivo se cruzam e são atualizadas. Sua “intenção” ou “consciência” nada mais é do que um efeito de superfície desse jogo de forças discursivas. Segundo, para a *metodologia de análise*: a proposta de substituir a “interpretação semântica” por uma “interrogação dos textos referidos à sua posição em um campo histórico” equivale a uma mudança de objeto. Abandona-se a busca por um sentido profundo ou uma intenção oculta para se dedicar ao mapeamento das *condições de*

*possibilidade* do sentido. A pergunta deixa de ser: “o que este texto quer dizer?”, para tornar-se: “de que posição histórica e em que jogo de forças com outros textos este dizer emerge?”. É a passagem de uma hermenêutica do significado para uma arqueologia do significante discursivo.

A concepção de Pêcheux (1988[1975]) permite precisar esse funcionamento paradoxal. Para ele, a metáfora é o processo pelo qual um efeito de sentido se estabiliza, criando a ilusão de um significado fixo e transparente. Essa estabilização, no entanto, é sempre precária e temporária, uma vez que se funda em uma operação de substituição que, a um só tempo, abre a porta para o deslizamento incessante da significação. É nesse ponto que a articulação com a metonímia, como efeito de sustentação da cadeia significante, torna-se crucial. Enquanto a metáfora produz o efeito de um ponto de basta imaginário, a metonímia garante que o sentido nunca se esgote, remetendo sempre a outro significante, em um movimento infinito. Essa dupla face – fixação e deslizamento – espelha a distinção fregeana entre o *objeto* (aquilo de que se fala) e o *sentido* (o modo como se apresenta esse objeto), destacando que o acesso ao referente é sempre mediado por uma construção conceitual e discursiva mutável. Como o próprio Pêcheux (1988[1975]) conclui na obra em questão, em conformidade com Lacan, “o sentido não é um dado, mas um efeito”, um fenômeno que se produz no batimento entre a ilusão referencial e a realidade do processo discursivo.

Em diálogo com a ideia pecheutiana de que a metáfora é o que possibilita o dizer (ou, como bem pontuou Lacan, “eis aí o que se chama de falar!”), faz-se importante salientar, mesmo a esta altura do estudo, que se trata de uma operação de analogia que resulta na impossibilidade de dizer o que se quer realmente dizer. Essa operação não ocorre apenas na “metáfora clássica” ou nas chamadas figuras de linguagem, mas em qualquer tentativa – inevitavelmente fracassada – de comunicar o que se quer dizer pressupondo a capacidade de correspondência do interlocutor. Normand (2009[1976]) trata dessa questão como uma contribuição de Freud à desconstrução da metáfora clássica:

[...] a metáfora, tomando lugar em um funcionamento polissêmico da linguagem, revela-se de modo evidente na prática analítica como um dos meios apreendidos pelo desejo em seu processo geral de deslocamento, de substituição, de mascaramento. Mas não há sentido primeiro verdadeiro, e que seria mascarado por algum artifício do inconsciente, já que o deslocamento (na forma do recalque) é constitutivo mesmo do inconsciente. Qualquer acesso ao real passa pela fantasia, assim como pela linguagem, e portanto pela metáfora (Normand, 2009[1976], p. 60).

A genialidade de Freud reside em ter levado essa lógica ao extremo da experiência corporal. Na conversão histérica, a metáfora não é uma figura retórica, mas um *processo psíquico de tradução* que falha em seu propósito de simbolização plena. O que se manifesta como uma dor na perna (“mau passo na vida”) ou “o peso do mundo nas costas” não é uma mera analogia, mas uma literalidade somática. O inconsciente, nesses casos, é radicalmente literal: a repulsa moral se traduz em náusea e ânsia de vômito; o conflito psíquico, em paralisia ou dor. Trata-se de uma “inflação do imaginário”, onde o corpo é capturado para figurar, de modo concreto e cru, um impasse que não pôde ser elaborado no registro simbólico. A histeria, portanto, é a doença da metáfora malsucedida, onde o deslocamento do conflito para o orgânico cria uma linguagem de sintoma que é, ao mesmo tempo, uma expressão e uma cifra.

Se, na histeria, o imaginário corporal é hiperinvestido para sustentar uma verdade recalçada, no fenômeno psicossomático assistimos a um colapso mais radical dessa operação tradutória. Aqui, não há a mediação de um sentido a ser decifrado, como no sintoma conversivo. O que ocorre é uma falha na própria capacidade de metaforização, uma queda do simbólico que deixa o corpo exposto diretamente ao real do afeto ou do trauma, sem a proteção

do fantasma. Enquanto o histérico “fala” com o corpo, o sujeito do fenômeno psicossomático sofre *no* corpo, em um registro que está mais próximo da psicose, onde a função mediadora do significante se instala precariamente. Nesses casos, o imaginário que sustenta a unidade do eu e a narrativa do sintoma encontra-se fragilizado, resultando em um funcionamento em que o real do organismo responde sem a intermediação de uma cena *phantasmática*. É a própria articulação entre simbólico e imaginário que se vê comprometida, deixando o sujeito à mercê de uma afecção que não significa, apenas insiste e devasta.

Ensejando uma aproximação possível entre Freud e Pêcheux, podemos formular que a metáfora é esse deslizamento de sentido (polissêmico, em todo o caso), ao considerar a opacidade da – sempre – equívoca língua, deslocando um sentido para inúmeros outros, lançando mão de significantes que jamais garantem significado unívoco, de substituição a substituição, de deslizamento a deslizamento. São as várias formas de dizer o “isso”, fazendo aqui uma referência à instância psíquica da segunda tópica freudiana, e também ao real, ao impossível de comunicar.

Dessa forma, a metáfora deixa de ser uma “figura de linguagem” para revelar-se como uma lei fundamental que rege tanto a vida psíquica, a língua e a ordem discursiva. Se, para Pêcheux, ela é o operador que, ao estabilizar provisoriamente um *efeito de sentido*, desvela a teia interdiscursiva que constitui o sujeito; para Freud – e Lacan –, ela é o mecanismo pelo qual o desejo inscreve sua verdade recalcada no tecido do sintoma e do sonho. A aproximação entre ambos os pensamentos permite-nos concluir que o “isso” freudiano – o real impossível de simbolizar – e o “interdiscurso” pecheutiano – o exterior radical que nos determina – podem funcionar como faces de uma mesma moeda: a de que o sujeito é um efeito, nunca uma origem. Ele é falado, de um lado, pelo inconsciente e, de outro, pela história. Nesse cruzamento, a linguagem confirma-se como o único terreno possível de existência do sujeito, um terreno paradoxal onde a única verdade acessível é a de que o sentido é sempre um equívoco necessário, e a comunicação um mal-entendido fundador. A metáfora, portanto, é esse desvio constitutivo que nos faz ser o que somos: seres de linguagem, condenados a significar, mas nunca a possuir o sentido último de nosso dizer.

### Referências:

- Althusser, Louis. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Tradução de Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985[1964].
- Barbosa Filho, Fábio Ramos. Sintaxe e discurso. In: Vinhas, Luciana Iost; Campos, Luciene Jung de; Lara, Renata Marcelle (org.). *Trajetos Equívocos: discurso, deslimite e resistência*. 1º ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022 (pp. 71-88).
- Chomsky, Noam. *Estruturas Sintáticas*. Lisboa: Edições 70, 1980[1957].
- Chomsky, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- Freud, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016[1900].
- Freud, Sigmund. *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018[1901].
- Freud, Sigmund. *Os Chistes e Sua Relação Com o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1996[1905].
- Freud, Sigmund. A Cabeça de Medusa. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996[1922].

- Gadet, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível*. Campinas: Editora Pontes, 2004 [1981].
- Haroche, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. *La Sémantique et la Coupure Saussurienne: Langue, Langage, Discours*. Langages: Paris, 1971.
- Jakobson, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969[1956].
- Lacan, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998[1953].
- Lacan, Jacques. *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985[1955-1956].
- Lacan, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998[1957].
- Lacan, Jacques. *Seminário V: As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 [1957-58].
- Lacan, Jacques. *Seminário XII: Problemas Cruciais para a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 [1964-65].
- Lacan, Jacques. *O Seminário XX: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985[1972-1973].
- Normand, Claudine. Metáfora e Conceito. In: *Convite à Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2009[1976].
- Normand, Claudine. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009[2000].
- Paz, Octávio. *Signos em Rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972[1971].
- Pêcheux, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Orlandi et al. 1.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988[1975].
- Pêcheux, Michel. Metáfora e Interdiscurso. In: *Análise de Discurso*. Textos selecionados: Eni P. Orlandi. Campinas: Editora Pontes, 2015[1983].
- Platão. *The Collected Dialogues of Plato*. Trad. Robin Waterfield. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1978.
- Saussure, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973[1916].

### Notas:

1. As teorias linguísticas de Chomsky foram muito contestadas por Lacan no Seminário 12, "Problemas Cruciais para a Psicanálise" (1999[1964-1965]).
2. A competência é o conhecimento inato e subjacente que um falante-ouvinte idealizado possui de sua língua, enquanto o cerne (ou core) é a parte da gramática universal que é comum a todas as línguas humanas (Chomsky, 1965).
3. O conceito de "efeito de sentido" na obra de Michel Pêcheux é profundamente marcado pela leitura que ele faz de Jacques Lacan. Essa interlocução é fundamental para entender por que o sentido é concebido não como uma essência, mas como um efeito, e por que o sujeito da linguagem é, para Pêcheux, um sujeito dividido, assujeitado a estruturas que o excedem. A integração da teoria lacaniana permite a Pêcheux radicalizar a crítica à transparência da linguagem e à noção de um sujeito pleno e consciente de seus dizeres. Ele não se refere ao significado de uma palavra ou frase em si, mas ao processo pelo qual o sentido é produzido e estabilizado momentaneamente para um sujeito em uma formação social e histórica específica.

4. Para Lacan, a fantasia não é um simples devaneio ou fuga da realidade. É uma estrutura fundamental e inconsciente que organiza o desejo do sujeito e sua relação com o mundo. Em última análise, a fantasia é a história secreta que contamos a nós mesmos para dar sentido ao nosso desejo e suportar o fato de que somos seres desejantes, marcados por uma falta fundamental. "Aquiles, o leão" não é uma fuga; é a estrutura que permite a Aquiles ser Aquiles, com todos os seus conflitos e buscas. A análise, para Lacan, visa não à destruição da fantasia, mas a "atravessá-la" – reconhecer seu papel e, assim, obter uma liberdade relativa em relação à sua tirania.

5. *Lalíngua* não é “o real fora do significante”, mas a dimensão real do significante — o significante em seu ponto de opacidade, de gozo. Essa perspectiva está alinhado aos Seminários 20, 21 e 23 e é uma das tensões mais delicadas da teoria lacaniana: *lalíngua* é, a um só tempo, da ordem do significante e do real — mas não no mesmo sentido em que o significante é tratado antes do Seminário 20.

6. É crucial salientar que a produtividade dessa analogia reside justamente no tensionamento entre os campos, como um operador heurístico, e não na sua fusão. Conceitos como "interdiscurso" (Análise de Discurso) e “inconsciente” (Psicanálise) operam em registros radicalmente heterogêneos: o primeiro é da ordem do histórico, do ideológico e da materialidade linguística, ao passo que o segundo é da ordem do singular, do pulsional e do real. A aproximação serve para pensar como ambos os campos teorizam um descentramento do sujeito, mas as causalidades que os regem – a sócio-histórica na AD e a psíquico-estrutural na Psicanálise – permanecem irreduzíveis entre si.

**Citação/Citation:** Mahlmann, M.; Teitelrojt, R. C. *Metáfora em Lacan e Pêcheux: “Eis aí o que se chama de falar!”*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 2), p. 59-72.

**Recebido em: 30/10/2025**  
**Aprovado em: 02/12/2025**